

CARREIRA

Profissão: artista!

Longe dos clichês, profissionais de Brasília enfrentam triplas jornadas, gerenciam as próprias carreiras como empresas e mostram como o fazer autoral resiste em tempos de inteligência artificial

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

» LETÍCIA MOUHAMAD

Longe da romantização de que ser artista é viver ao sabor do vento, trabalhar com criatividade demanda aprimoramento constante, incluindo estudos e estratégias de sobrevivência financeira. Muitos, além de produzir arte, precisam aprender a gerenciar a carreira de forma independente e complementar o ofício. Dão aulas, promovem oficinas, engajam-se em trabalhos publicitários. Quem encara as dores e as delícias de viver da produção autoral garante: o fazer artístico tem a alma que o processo industrial ou artificial jamais terá.

Cecília Ramos que o diga. Na página Cartumante, que acumula 223 mil seguidores no Instagram, a quadrinista de 28 anos produz, há pelo menos 10, tirinhas semiautobiográficas sobre cotidiano e crítica social. Em tom ácido e debochado, ela aborda os perrengues e as descobertas da vida adulta, tratando de temas que vão desde relacionamentos à religião. “A busca do traço mais autoral habita entre dois extremos: a necessidade de entregar projetos rapidamente e que atendam às demandas do mercado, e as referências e bagagens visuais que foram colhidas ao longo da vida. Entre os dois, está o resultado desta identidade”, explica a artista.

Formada em design gráfico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Cecília tocava a página como um espaço de desabafo até que, em 2018, quando participou da CCXP (Comic Con Experience) — maior festival de cultura pop do mundo —, veio a virada de chave. “Faturei uma grana e percebi que as tirinhas não precisavam ser um ‘bico’ e que, se eu me organizasse, aquilo poderia virar um negócio”, recorda. Assim foi feito.



Criatividade é uma habilidade que se exercita"

Cecília Ramos, quadrinista

Processo criativo

Os negócios deram tão certo que, hoje, Cecília já não se sente na obrigação de produzir exaustivamente para as redes sociais, e consegue tocar outros projetos, como o lançamento do livro “Cartuns e Cartas”, ocorrido neste ano. Essa década de produção também permitiu que ela acumulasse um acervo capaz de poupá-la do esgotamento, quebrando a lógica de que a arte pode ser forçada sob demanda. “Sou do time que acredita que arte não dá para forçar. Essa é a beleza e, digamos, o defeito deste trabalho”, pontua.

A faísca que acende o processo criativo costuma ignorar o relógio. Para a quadrinista, as ideias surgem nos momentos mais triviais, seja durante um banho relaxante, ou enquanto rola o feed do Instagram. “Criatividade é uma habilidade que se exercita. No início, tinha muito mais dificuldade para ter ideias. Acho que a cabeça vai criando músculo para fazer essas sinapses, para capturar aquele recorte de cena específico que funciona no formato de tirinha”, reflete.

A afinidade com a arte também guiou os primeiros passos do músico, produtor e professor Rodrigo Bezerra, 41. Sua jornada começou aos 7 anos, em uma pequena escola de música em Taguatinga. Embora tenha iniciado no piano, foi um violão abandonado em casa, na pré-adolescência, que mudou seu destino, abrindo caminho para a guitarra que ganhou aos 13.